

Logradouros Atuais – L, M

LACERDA, beco

(Caiçara) – Começa na avenida Jehu Pinto de Faria, na antiga chácara do Custódio Lacerda.

O beco localiza-se em local onde residiram descendentes de uma das famílias pioneiras de Leopoldina. O sobrenome Lacerda faz parte da história da cidade. Foram dois de seus representantes os beneficiados com as sesmarias localizadas às margens do Feijão Cru: os irmãos Fernando Afonso Corrêa de Lacerda e Jerônimo Pinheiro de Lacerda. Os beneficiados não vieram tomar posse das terras, optando por designar dois de seus sobrinhos para o cumprimento do que determinavam as cartas de sesmaria. Ou seja: ocupar, plantar e povoar. Assim é que, cerca de 10 anos após terem recebido as terras, seus sobrinhos Francisco e Romão Pinheiro Corrêa de Lacerda iniciaram a divisão e venda entre fazendeiros da região da Serra da Ibitipoca. Como já foi dito em outra parte deste trabalho, Francisco era genro de Joaquim Ferreira Brito, comprador da parte onde formou a fazenda da Cachoeira. O filho de Joaquim, João Gualberto Ferreira Brito, adquiriu as terras onde formou a fazenda Fortaleza. O sogro de João Gualberto, Manoel Antônio de Almeida, comprou as terras onde formou a fazenda do Feijão Cru Pequeno. Outro genro de Manoel Antônio, João Gonçalves Neto, adquiriu a parte onde formou a fazenda Residência. E outros mais foram os adquirentes das terras doadas a Fernando Afonso e Jerônimo.

O sobrenome Lacerda está presente em quase todos os grupos familiares pioneiros de Leopoldina, por conta dos casamentos entre descendentes.

LAERT ARAÚJO MENDONÇA, rua

(Redentor) – Começa na rua Getomir Pereira Bella, nas proximidades da unidade de tratamento de águas da COPASA e vai terminar nos terrenos pertencentes ao Orfanato. Recebeu esta denominação pela lei nº 2425, de 18.08.92.

Na década de 1960, nas proximidades desta rua existiu um pequeno campo de futebol que a garotada chamava de “Campinho do Cristo”.

Laert Araújo era comerciante e ruralista.

LÉA DE MEDEIROS GUIMARÃES, rua

(Imperador) – Começa na rua Agnelo Corrêa do Bem. A lei nº 3185, de 19.10.1999, deu nome oficial a esta rua.

Léa Guimarães era responsável por um dos cartórios de notas de Leopoldina. Filha de Lauro Teixeira Lopes Guimarães e Marieta, faleceu 29.09.1988 aos 72 anos. Era irmã de Lauro Guimarães, advogado; Honorina de Medeiros Guimarães, diretora do Grupo Escolar Botelho Reis e Cora Guimarães, professora do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira. Residia na rua Cotegipe, no edifício que é único exemplar da arquitetura normanda em Leopoldina.

LEONOR BAHIA, rua

(Pirineus) – Diz a lei nº 1947, de 04.02.88, que esta rua tem início na Cipriano Pereira Baia e vai até à rua Fernando Novais de Oliveira.

Segundo consta, os Bahia ou, Baía, estão na região desde o início do povoamento e teriam vindo da serra de Ibitipoca, como várias outras famílias aqui radicadas na ocasião.

LEOPOLDINA MENDES DO ROSÁRIO, rua

(Fábrica) – A lei nº 1189, de 13.05.77, do vereador Ely Rodrigues Netto, dá denominação a esta rua e diz tratar-se da via pública que partindo da rua Vinte e Sete de Abril, em frente à rua Sindicato Têxtil, vai até um terreno baldio que dá fundos para a parte posterior da rua Benedito Valadares. Era um dos becos da Fábrica.

Segundo o projeto de lei, Leopoldina Mendes, durante longos anos, foi a enfermeira e parteira que acolheu em seus braços, antes mesmo dos próprios pais, centenas de leopoldinenses, bem aventureiros ou humildes.

LIMOEIRO, bairro

A lei nº 1.629, de 04.08.83, do vereador Roque Macário Braz Schettino, deu a denominação de bairro ao local compreendido entre o trevo rodoviário da BR-116 (acesso a Cataguases) e o morro do Limoeiro. Este bairro é cortado pelo leito da antiga estrada para Cataguases (estrada de saibro) e abrange território outrora habitado pelos descendentes de dona Albina Joaquina de Lacerda. Ali foram proprietários de terras em meados dos oitocentos, além de D. Albina, Henrique Delfim e Silva, José Maria da Penha, Joaquim José Monteiro, Antônio José de Almeida Gama, Francisco Joaquim de Almeida Gama, João Lourenço Ferreira de Lacerda e João Evangelista da Silva. Abrange as ruas Madre Maria Cândida de Jesus e Neném César.

O Almanaque de 1887 já faz referência ao Limoeiro, o que indica ser um nome antigo. Diz que ali residia o advogado Dr. João Carneiro Pestana de Aguiar.

Luiz Rousseau Botelho, em “Coração de Menino” cita, várias vezes, a fazenda do Limoeiro que, no início dos anos de 1900, ficava no caminho para a fazenda do Bonsucesso, o que coincide com a localização do bairro.

LINDOLFO PINHEIRO, rua

(Dona Euzébia) – Começa na rua Dr. Ormeu Junqueira Botelho.

A lei nº 498, de 27.09.1963, dá nome de rua Lindolfo Pinheiro a um logradouro público que fica nos fundos da igreja do Rosário.

Lindolfo, geralmente conhecido por “Lolote”, era filho de Floriano Pinheiro de Souza Moraes e Presceliana Pinheiro de Lacerda Werneck, seu pai era funcionário público em Leopoldina em 1892. Casou-se a 18.05.1895 em Leopoldina com Guiomar de Lacerda filha de José Romão Corrêa de Lacerda e Luiza Augusta Tavares, sendo neto paterno do pioneiro Romão Pinheiro Corrêa de Lacerda e sua primeira esposa Ana Severina. Pai de Iracema (1908) e Cléa (1913).

LINO GONÇALVES, bairro e rua

Bairro - Este bairro surgiu com o arruamento das terras que pertenceram a Lino Gonçalves. Hoje, ele faz parte do bairro da Praça da Bandeira.

Rua - (Praça da Bandeira) – Liga a rua Marechal Deodoro da Fonseca à rua Antonio de Almeida Ramos.

A lei nº 948, de 17.10.1973, dá denominação de rua Lino Gonçalves a uma via pública que sai da rua Marechal Deodoro.

Lino Gonçalves foi mais um dos imigrantes que mudaram a face da cidade com seu trabalho e dedicação à causa pública. Procedente da Espanha, radicou-se em Leopoldina no final dos oitocentos e com o fruto de seu trabalho em fazendas da região amealhou o suficiente para adquirir uma boa propriedade que fazia divisa com o Alto da Ventania. Sem ter deixado filhos, dedicou-se ao auxílio dos compatriotas e de outros imigrantes que passavam por dificuldades.

LOURENÇO EUZÉBIO AUGUSTO, rua

(Pedro Brito Netto) – A lei nº 3.098, de 22.10.98, dá denominação a esta rua e diz que ela tem seu início na rua Luiz Torres Barcelos e finda na rua José Rodrigues Werneck.

LOURENÇO GONÇALVES NUNES, rua

(Jardim Bela Vista) – Diz a lei nº 3.301, de 12.09.2000 que esta rua tem seu início na av. dos Expedicionários e finda num largo existente na mesma. No mapa do loteamento Jardim Bela Vista ela encontra-se identificada como rua 11.

LOURENÇO IENNACO, rua

(João Paulo II) – Esta rua tem seu início na rua Irmã Gabriela e finda na divisa do loteamento. Sua denominação atual surgiu com a lei nº 2388, de 20.02.92.

Lourenço Iennaco nasceu a 01.03.1885, em Maratéa, Potenza, Basilicata, Itália e faleceu em 05.08.1954 em Leopoldina. Veio para o Brasil por volta de 1895. Iniciou sua vida, em Leopoldina, como mascate. Casou-se, em primeiras núpcias, com Emma S. Iennaco (nome que deu origem à casa comercial, ao bazar e ao café Ema). Desse casamento são os filhos:

Raphael e Vicente (também nomes de ruas da cidade), Maria, Iolanda, Miguel, Osvaldo e Anita (que foi casada com o professor Alziro de Azevedo Carvalho, também homenageado com nome de rua da cidade). Em segundas núpcias, Lourenço casou-se com Zulmira Machado Iennaco, com quem teve os filhos: Carlos, Maria, Nely, Lourenço Filho, Benito, Arthur e Darcy.

LOURENÇO REIS, rua

(João Paulo II) – No mapa do loteamento estava identificada como rua B. Pela lei nº 1.746, dos vereadores Ely Rodrigues Netto e Benedito Rubens Rennó Guedes, recebeu esta denominação.

Lourenço Alberto dos Reis nasceu em Itabira do Mato Dentro (MG), em 12.08.1884, filho de João Lourenço e Tita Sabino. Casou-se com Ana Jovita Ferreira e dessa união nasceram três filhos. Em 1928 casou-se, em segundas núpcias, com Maria Luzia dos Santos, com quem teve outros cinco filhos. Faleceu , em Leopoldina, a 14.12.67.

LOURENÇO SANTANA, rua

(Seminário) – Liga a rua Padre José Domingues Gomes à ladeira Antonio Novato de Moraes. A lei nº 3.097, de 22.10.98, lhe deu esta denominação e diz que ela finda próximo ao Estádio Otacir Lacerda França - Arranca Toco.

LUCAS AUGUSTO, rua



(Centro) – Começa na praça Professor Botelho Reis e termina na alameda Dom Delfim Ribeiro Guedes, na Catedral.

No passado era conhecida como rua Primeiro de Março e que também se chamou rua Theophilo Otoni.

É uma homenagem a Lucas Augusto Monteiro de Barros, o segundo presidente da câmara no regime republicano, entre 1892 e 1897, que substituiu ao Dr. Joaquim Antonio Dutra, presidente daquela casa de 1890 a 1892. Lucas Augusto faleceu em 1906.

O Leopoldinense de 28.04.1895 diz que pelo decreto nº 7, de 22 de abril, o sr. agente executivo abriu um crédito extraordinário para aquisição de um prédio para a câmara municipal. Este crédito, somado a um anteriormente votado, somava 25.000\$000 pela qual se realizou a compra do palacete que pertenceu ao falecido Dr. José Cesário.



No texto do decreto nº 7, após vários considerandos, inclusive um que diz ser insuportável a câmara estar junto com a cadeia, o art. 1º do decreto determina que fica aberto o crédito para aquisição do prédio sito à rua Primeiro de Março, pertencente ao Dr. Quirino Ribeiro Monteiro de Barros e demais condôminos. E o mesmo jornal, na sua edição de 19.05.1895, dá notícia de que a câmara municipal já mudou para o palacete do Dr. José Cesário.

A Gazeta de Leopoldina de 26.01.1912 diz que está construído o elegante prédio que a Cia Força e Luz mandou construir à Rua Theophilo Otoni, o que nos leva a crer ser este um segundo nome da atual rua Lucas Augusto, onde funcionava a sede daquela companhia em Leopoldina e que hoje se transformou na Usina Cultural Companhia Força e Luz Cataguases-Leopoldina.

No final desta rua, bem próximo à Catedral, funcionava o colégio Imaculada Conceição cujo prédio se transformou em residências, após a construção do novo Colégio no alto do mesmo morro.



LUCAS LACERDA, MAJOR, rua

(Seminário) – Começa na rua Professora Conceição Soares Monteiro de Castro.

A lei nº 896, de 15.05.1973, dá denominação de rua Major Lucas Lacerda a uma via pública que começa numa rua sem nome, na esquina em que está situada a casa do Sr. José da Cruz, no bairro do Seminário.

Lucas Lacerda nasceu a 18.10.1882 em Leopoldina, filho de Américo Antônio de Castro Lacerda e Filomena Josefina Cândida da Gama. Neto paterno de Ana Severino e Romão Pinheiro Corrêa de Lacerda, irmão de Francisco Pinheiro Corrêa de Lacerda e filho de Álvaro Pinheiro Corrêa de Lacerda, sendo este filho de Antônio Carlos Corrêa de Lacerda e Ana de Souza da Guarda. Álvaro era irmão dos dois sesmeiros do Feijão Cru, Fernando Afonso e Jerônimo Pinheiro Corrêa de Lacerda.

Lucas Lacerda era negociante e homem de confiança do coronel Marco Aurélio Monteiro de Barros.

LUIZ CAPDEVILLE RIBEIRO, rua

(Vale do Sol) – Diz a lei nº 3.313, de 17.10.2000, que esta rua é a antiga letra D do mapa do loteamento. Ela tem seu início na rua B e finda na rua H.

LUIZ FERNANDO FURTADO, praça

(Pirineus) – Esta praça fica no entroncamento da rua Castro Alves com a rua Joaquim Furtado de Menezes.

Luiz Fernando trabalhou como representante comercial em Leopoldina.

LUIZ MONTEIRO REZENDE, rua

(Bela Vista) – O nome oficial desta rua surgiu com a lei nº 2092, de 09.06.89. Ela parte da rua José Aragon Pinheiro, nas proximidades do nº 220 e vai terminar na rua João Teixeira de Moura Guimarães, nas proximidades do nº 735.

Luiz Rezende era agricultor.

LUIZ TORRES BARCELOS, rua

(Pedro Brito Netto) – A lei nº 2794, de 13.12.95, dá esta denominação à via pública de acesso ao bairro. A que tem seu início na rua Nossa Senhora Aparecida e finda na rua Loureço Euzébio Augusto.

Luiz Barcelos trabalhou durante muitos anos como mecânico na firma Branco e Macieira Ltda (Posto Gulf), que existiu na avenida Getúlio Vargas, ao lado das oficinas da sede do DNER. Posteriormente ingressou na Prefeitura, onde exerceu a mesma profissão.

Seu filho, José Américo, é conhecido radialista da cidade.

LUIZ, SÃO, bairro

Localiza-se ao norte da BR 116, na saída para o Rio, defronte ao Jardim Caiçara, próximo ao posto de fiscalização da Polícia Rodoviária Federal. Compreende a avenida Pedro Matola (parte), as ruas Ranulfo Matola Miranda, Omar Barbosa, Santa Luzia e a travessa da Criança.

LUZIA, SANTA, rua

(São Luiz) – Começa na travessa da Criança e vai terminar na rua Omar Barbosa. Seu nome surgiu com a lei nº 1.793, de 14.05.86, de autoria do vereador Darcy Luiz V. Resende.

Protetora dos olhos e da visão segundo a crença católica, Santa Luzia nasceu numa família rica de Siracusa, na Sicília, Itália. Após a morte do pai sua mãe queria vê-la casada com um jovem pagão que por isso foi rejeitado pela moça. Denunciada por sua fé, recebeu como pena ser colocada num prostíbulo. Diz a lenda que um milagre aconteceu e nenhum soldado conseguia carregá-la, tal era seu peso. Durante sua prisão arrancaram-lhe os olhos mas, no dia seguinte eles estavam novamente perfeitos. Morreu decapitada. O dia 13 de dezembro lhe é consagrado.

LUZIA BONIN, rua

(Pedro Brito Netto) – A lei nº 3.088, de 22.10.98, deu denominação oficial a esta via pública que no mapa do loteamento recebeu a letra G, tem seu início na rua C e finda na rua José Rodrigues Werneck.

Como registro é bom que se diga que o sobrenome Bonini é encontrado em Cirie, Província de Torino, Região do Piemonte e também na Província de Pistoia, Região da Toscana, na Itália. Aqui em Leopoldina é mais conhecida a forma simplificada Bonin.

Por certo Luzia descende de Fortunato Bonini, que nasceu na Itália, em 13.07.1855 e morreu antes de 1933, em Leopoldina. A família Bonini foi moradora da Colônia Constança, citada em Antigos Logradouros.

LUZIA DE JESUS COELHO, travessa

(Praça da Bandeira) – Liga a rua Marechal Deodoro da Fonseca à rua Murilo Rodrigues Pinto. A lei nº 899, de 16.05.1973, projeto do vereador Elói Rodrigues Neto, dá denominação de travessa Luzia de Jesus Coelho à via pública que une as ruas Marechal Deodoro da Fonseca e Salgado Filho, próximo a praça da Bandeira.16/05/73

Luzia de Jesus era esposa de Sinval Coelho, proprietário de uma das maiores olarias/cerâmicas da região, que funcionava no bairro da Onça, nas proximidades do atual posto fiscal da Polícia Rodoviária Federal.

LYDIO COSTA REIS, rua

(Vale do Sol) – A lei nº 3.323, de 29.11.2000, dá denominação de rua à via que, no mapa do loteamento do bairro, encontra-se identificada como rua A. É a que está na margem esquerda do córrego lá existente.

Lydio Costa Reis era comerciante (Casa Nadinho) muito conhecido e estimado na cidade.

MAÇONARIA, rua

(Pirineus) - A lei nº 909, de 04.07.1973, dá denominação de rua da Maçonaria à via pública localizada no alto dos Pirineus, no local onde se encontra edificada a cantina pré-escolar, subordinada à Loja Maçônica Vinte e Sete de Abril.

MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA, rua

(Três Cruzes) – Começa na rua Ferreira Brito. Recebeu este nome a partir da lei nº 1.282, de 18.08.1978.

Tomamos este nome como uma justa homenagem ao comendador Manoel Antonio de Almeida, mesmo sem a certeza de que tenha sido este o intuito de quem teve a idéia de colocar o nome nesta rua. E o fazemos porque acreditamos que, mesmo que seja um homônimo, existe uma grande chance de ser um descendente do comendador, o que não traria maiores problemas.

Nascido 19.08.1782 em Santa Rita de Ibitipoca, filho de Antonio de Almeida Ramos e Maria de Oliveira Pedroza, já citados, casou-se com Rita Esméria de Jesus e com ela constituiu numerosa família. Esteve na região entre 1825 e 1828, ocasião em que acertou a compra de uma propriedade e assinou a ata de formação do Curato do Meia Pataca, em 25.01.1828. Em setembro de 1829 para cá transferiu-se com a família, escravos e bens passíveis de serem transportados. Em 1831 aparece como um dos maiores proprietários de escravos do lugar. Em 1856 ainda era proprietário das duas sesmarias adquiridas na década de vinte, num total aproximado de 570 alqueires. Em 1872 fez testamento alforriando todos os seus escravos e premiando 11 deles com terras da sua fazenda do Feijão Cru Pequeno. Devoto de Santa Rita, em Leopoldina mandou dourar um altar dedicado à Santa que existia na primeira igreja de São Sebastião. Foi seguramente o grande incentivador da corrente de Almeidas que passou a viver nas terras do Feijão Cru a partir de 1830. Mauro de Almeida Pereira declara que ali estava uma grande parte dos antigos moradores da cidade. Francisco Rezende reconhece que o Comendador Manoel Antonio de Almeida foi um dos maiores povoadores de nossa cidade.

Sobre o título de Comendador muitas vezes agregado ao nome do personagem, muitas pesquisas foram feitas sem que se tenha chegado a bom termo. A única base seria uma provável transferência hereditária do cargo de Procurador da Comenda da Ordem do Cristo, cargo exercido por seu avô paterno em Óbidos, Portugal. Uma pesquisadora portuguesa encaminhou-nos extratos de antigos documentos dando conta de que esta foi a vontade testamentária de João de Almeida.

De fato o Manoel Antônio de Almeida jamais exerceu o cargo. Ficou o título que, pelo menos aparentemente, tem um fundo mais real do que muitos outros que observamos em antigos registros de Leopoldina. Aliás, se considerarmos como reais os inúmeros títulos de capitão, alféres, tenente e etc, com que são brindados diversos antigos moradores de Leopoldina, concluiremos que aqui existiu o maior batalhão da Guarda Nacional da província mineira. Diga-se de passagem, a maioria dos títulos é anterior à criação do primeiro núcleo militar na região. Uma pesquisa dos registros da Guarda Nacional demonstrou que quase todos eles não eram oficiais.

A atuação política de Manoel Antonio parece-nos ter sido discretíssima. Por conta de um imbróglio registrado em ata da Assembléia Eleitoral de 01.09.1868, retirou-se definitivamente da vida pública. Esta é mais uma das afirmações curiosas sobre ele. Por falta de preservação de documentos antigos em cidades às quais o Feijão Cru foi subordinado até 1854, não conseguimos descobrir que cargos teria exercido.

Um outro aspecto da personalidade de Manoel Antônio que nos chama a atenção é sua posição diante da escravatura. Antigos escritos referem-se a uma espécie de “marcha de desagravo” por ele orquestrada, fazendo desfilar seus escravos pelo centro urbano com o intuito de propagar a liberdade que acabavam de conquistar, muitos anos antes da libertação oficial da escravatura no Brasil. Acreditamos que há um certo exagero em tal interpretação porque a realidade que transparece dos documentos pesquisados demonstra que ele devia dispensar um tratamento mais humanitário aos seus cativos e com isto desagradava algumas pessoas. Daí a ter afrontado publicamente seus desafetos é atitude um tanto temerária, no nosso entender. O que se tem documentalmente comprovado é apenas que ele foi um dos pioneiros de Leopoldina na libertação de seus cativos. No processo de inventário de sua

esposa, falecida a 20.01.1865, constam diversas referências à libertação de escravos naquele momento e nos posteriores, alguns beneficiados com pequenos pedaços de terras.

Manoel Antonio e Rita Esméria foram pais de: 1 – João Celestino de Almeida casado com Maria Emerenciana de Castro, sem descendentes localizados em Leopoldina até o momento; 2 – Rita Esméria de Almeida casada com Antônio Rodrigues Gomes, filho de outro do mesmo nome e Jacinta Rosa de Jesus. Seguramente um dos primeiros moradores do arraial do Feijão Cru, comprou a Francisco Pinheiro Corrêa de Lacerda, a 20.04.1829, 200 alqueires às margens do córrego do Moinho. Formou a fazenda Águas Vertentes, na região do atual povoado de São Lourenço. Foi o primeiro escrivão de Leopoldina. Em 1875 era fazendeiro de café; 3 – Maria Venância de Almeida, batizada 28.12.1802 em Santana do Garambeo, foi a primeira esposa de João Gualberto Ferreira Brito, de quem se fala em verbete próprio; 4 – Luciana Esméria de Almeida, falecida em 04.08.1864, casada com Joaquim Cezario de Almeida, filho de Inácio José do Bem e Antônia Maria de Almeida, esta irmã de Manoel Antônio. Formou a fazenda Tesouro do Feijão Cru, em terras próximas ao atual povoado de São Martinho. Joaquim Cezario faleceu a 18.03.1855. O casal teve oito filhos e muitos de seus descendentes foram atuantes na vida pública de Leopoldina. Além da fazenda citada, foram proprietários de uma sesmaria no Curato de Conceição da Boa Vista; 5 – Mariana Flauzina de Almeida, batizada 04.06.1805 em Santana do Garambeo, casada com João Gonçalves Neto. Patriarcas da grande família Gonçalves Neto em Leopoldina, formaram a fazenda Residência, ainda hoje referida em cartografia de Leopoldina, nas imediações dos bairros Fortaleza e Três Cruzes (serra dos Netos). João Gonçalves foi eleito Juiz de Paz em 1859 e 1862, vereador em 1865 e novamente Juiz de Paz em 1868. Mariana faleceu em 1893; 6 – Antonio de Almeida Ramos Neto foi casado com Maria Constança de Jesus e em segundas núpcias com Rita Bernardina de Andrade, filha de Manoel Goulart de Andrade e Francisca Inácia Franco, por esta descendente da ilha Antônia da Graça. A primeira esposa faleceu 29.11.1844 e Antonio ficou viúvo pela segunda vez a 09.12.1882, vindo ele próprio a falecer no dia 08.08.1886. Sua fazenda estava localizada em território do arraial de Monte Alegre, hoje distrito de Tebas e era produtora de café; 7 – Venâncio José de Almeida Costa casado com sua sobrinha Ana Paula de Sena, filha de sua irmã Maria Venância. A exemplo de seus familiares, em 1875 era fazendeiro de café; 8 – Manoel Teodoro de Almeida casado com Cândida Maria de Jesus, faleceu em 1859, antes pois de seus pais. O casal radicou-se em território na época pertencente ao distrito de Angustura e seus nove filhos espalharam-se também por São Domingos do Aventureiro. Dado o longo período em que viveram isolados na zona rural, tal como ainda vivem muitos descendentes, sucessivos matrimônios endogâmicos dificultam enormemente uma boa identificação. 9 – Joaquina Esméria de Santana batizada 21.07.1814 em Bom Jardim-MG, casada com João Garcia de Matos Neto, filho de um casal de parentes: Simpliciano Garcia de Matos e Emerenciana Maria de Jesus. Viveram também em território de Angustura. Joaquina faleceu 13.06.1852; 10 – Messias Esméria de Almeida casada com João Rodrigues Ferreira Brito, filho de Bento Rodrigues Gomes e Ângela Joaquina de Jesus, parente pois de seu cunhado Antônio Rodrigues Gomes. Por conta da grande quantidade de homônimos não nos foi possível identificar a localização das propriedades do casal: fazenda da Conceição, sítios Caeté e Palmeira. Messias foi enterrada em Leopoldina a 05.04.1887; 11 – Maria Inocência Almeida casada com Antônio Venâncio de Almeida, filho de seu tio Antônio de Almeida Ramos Neto e Maria Constança de Jesus. Foram proprietários de fazenda no território onde veio a se formar o antigo distrito de Santa Isabel, hoje Abaíba. Em 1896 a fazenda já era cortada por uma estrada que se comunicava com a “estrada Municipal, em Leopoldina”; 12 – Romão de Almeida chegou a Leopoldina ainda na infância e aqui faleceu, solteiro, por volta de 1843; 13 – Joaquim Antônio de Almeida Ramos, batizado 26.01.1825, em Bom Jardim-MG é o filho que Manoel Antônio não teria visto nascer por estar pelas “matas do Feijão Cru”. Casou-se com Maria Teresa de Jesus e radicou-se em território do antigo arraial da Piedade, com fazenda vizinha à fazenda Monte Alegre, na estrada ainda existente e que liga Tebas a Piacatuba. Em 1875 era fazendeiro de café. Sua esposa, assim como sua cunhada Maria Constança de Jesus, podem ter sido filhas de Joaquim José Pereira Lemos e netas de Manoel Pereira Lemos e Izabel Inácia Joaquina, antigos moradores do Feijão Cru ainda esquecidos pela história oficial. Entre seus descendentes encontram-se os únicos usuários em Leopoldina de antigos títulos da Guarda Nacional que pudemos comprovar em pesquisa própria.

MANOEL ARLINDO CARNEIRO, rua

(Bela Vista) – A lei nº 2340, de 19.09.91, dá esta denominação à via pública que no mapa do loteamento recebeu o nome de rua G. É a rua que tem seu início na rua João Teixeira de Moura Guimarães e finda na BR 116, próximo ao viaduto.

Manoel Arlindo era comerciante.

MANOEL DE ALMEIDA LACERDA, rua

(Joaquim Furtado Pinto) – A lei nº 1.752, de 09.08.85, do vereador Darcy Luiz Vasconcelos Resende, dá denominação à via pública desta cidade que, no conjunto habitacional Dr. Joaquim Furtado Pinto, encontra-se identificada como rua C. Pelo mapa publicado pela prefeitura em 2000, esta via começa na rua Didi Ramos e termina nos fundos de uma chácara existente na rua Alan Kardeck.

Segundo a justificativa do projeto de lei nº 36/85, Manoel de Almeida Lacerda nasceu em 28.09.1904, no distrito de Vista Alegre. Casou-se com Rosa de Almeida Lacerda e tiveram sete filhos. Residiu em Leopoldina durante quase meio século. Exerceu as profissões de comerciante e agente de seguros.

Filho de Honório Rodrigues Lacerda e Marieta Rodrigues de Almeida, c/c Rosa Almeida, filha de seus tios Viriato Rodrigues de Almeida e Bernardina Gama. Sua família é referida em terras do atual distrito de Vista Alegre desde meados do século dezenove. O pai de Viriato e Marieta foi Francisco Martins de Almeida, por sua vez filho de Antônio de Almeida Ramos e Maria Constança de Jesus, citados no verbete de Manoel Antônio de Almeida. Francisco Martins de Almeida foi enterrado a 06.12.1915 em Aracati. A mãe de Viriato e Marieta foi Rita Garcia da Natividade, filha de José Joaquim Pereira Garcia e Mariana Esméria da Natividade, também já citados neste trabalho.

MANOEL JANUÁRIO, rua

(Cemitério) – A lei nº 939, de 17.10.1973, deu denominação de rua Manoel Januário à via pública que partindo da praça São José, vai até o corte da Rio Bahia. A lei nº 1987, de 04.08.88, dá nome de rua Manoel Januário a que faz a ligação próximo ao nº 443, no bairro Santa Cruz.

Manoel Januário era motorista da Prefeitura.

MANOEL LACERDA LEAL, rua

(Jardim Bandeirantes) – Diz a lei nº 1084, de 06.06.75, que esta via pública no mapa do loteamento do bairro está como rua E, tem seu início na rua João Malaquias e finda na rua capitão Ricardo Coutinho. Pelo mapa da prefeitura, editado em 2000, esta via termina na rua Fajardo.

Manoel Lacerda Leal, geralmente conhecido por “Manoel Zaú” era ruralista e possuía uma chácara nas proximidades do bairro Quinta Residência.

MANOEL LOBATO, rua



(Centro) – Liga a praça Félix Martins à praça Professor Ângelo. No início era uma estrada de tropeiros e depois virou rua da Grama. Nesta rua funcionou a primeira Casa de Caridade de Leopoldina.

É uma homenagem ao coronel Manoel Lobato Monteiro Galvão de São Martinho que foi presidente da câmara municipal no final do regime imperial e faleceu em 1901, ex-provedor da Casa de Caridade Leopoldinense, ex-vereador e vice-chefe do executivo municipal, na chefia de Joaquim Antonio Dutra.

MANOEL MARTINS DE SOUZA, rua

(São Luiz) – A lei nº 1.697, de 01.11.84, dá esta denominação à via pública desta cidade que liga as ruas Ranulfo Matola e Omar Barbosa.

Nascido no distrito de Ribeiro Junqueira em 12.03.1903, filho de Antonio Martins de Souza, Manoel foi casado com Deocacina Machado Martins. Foi um dos primeiros moradores do bairro São Luiz. Era comerciante e sua residência foi a primeira a ter luz elétrica naquele local, resultado de seus próprios esforços para que fosse feita a extensão da rede elétrica para o bairro que tinha escolhido para viver.

MANOEL MONTEIRO, rua

(Bela Vista) – Esta rua tem seu início na Ismail Ávila. Sua denominação surgiu com a lei nº 1.826, de 08.08.86.

Manoel Monteiro era geralmente conhecido como “Reco-reco”. Era músico, compositor e foi maestro de bandas da cidade.

MANOEL RODRIGUES PANDELÓ, rua

(Eldorado) – Começa na rua Coronel João Lau e finda na Jones Rocha. Sua denominação oficial surgiu a partir da lei nº 2871, de 02.09.96.

Manoel era ruralista, filho de João Rodrigues Pandelot, nascido em 1869 em Portugal e falecido a 10.01.1941 em Angustura, Além Paraíba-MG. E de Elvira Rodrigues da Silva, filha de Vicente Luiz da Silva e Laurentina Reginalda de Jesus, nascida em 1879 e falecida a 24.07.1942 em Angustura. João Rodrigues Pandelot, por sua vez, era filho de Manoel Rodrigues Pandelot e Rosa Pestana de Jesus, que não passaram ao Brasil.

MANOEL TURÍBIO BARBOSA, rua

(Três Cruzes) – Começa na praça Antonio Ferreira de Almeida. Foi nominada pela lei nº 3142, de 23.04.1999.

Manoel Turíbio era funcionário público federal e trabalhou no DNER.

MÁRCIO BARBOSA DE CASTRO, rua

(Meia Laranja) – Pela lei nº 474, de 25.05.1963, ficou denominada rua Márcio Barbosa de Castro a via até então sem denominação, que liga a rua Gabriel de Andrade Junqueira à avenida Getúlio Vargas. A lei nº 1.477, de 10.10.80, deu nova redação ao artigo 1º da lei nº 474. Por este novo diploma legal, esta via tem início na rua José Peres, próximo ao lavador de carro do Joaquim Pedro, e finda na praça Senador Botelho. Pelo mapa publicado pela Prefeitura em 2000, esta via recebe o nome de Mário Pires de Castro.

MARCO AURÉLIO, CORONEL, rua

(Catedral) – Começa na rua Plóbio Cortes de Paula e termina na praça Dr. Ormeu Junqueira Botelho. A partir da lei nº 165, de 09.11.1951, passou a denominar-se Coronel Marco Aurélio a rua que, partindo do cruzamento da rua Padre Júlio, em frente às escadarias do Hospital, vai terminar na Catedral.

Marco Aurélio Monteiro de Barros era fazendeiro e grande produtor de café do município.

MARIA APARECIDA PINTO DA COSTA, rua

(Pinguda) – Esta rua aparece na planta cadastral básica da prefeitura, na saída para o distrito de Providência, embora não tenhamos localizado a lei que lhe deu o nome.

MARIA BOTELHO JUNQUEIRA, rua

(Chico Bastos) – Começa no final da rua Francisco de Andrade Bastos e termina numa praça projetada para o bairro, segundo a lei nº 1.514, de 06.08.81.

MARIA CASTANHEIRA, rua

(Maria Guimarães França) – A lei nº 1130, de 12.05.76, do vereador Guanahyro Fraga Mota, dá denominação a esta rua e diz que ela tem seu início na rua Antônio Couto Filho e finda na rua Cândida Fajardo Lamoglia.

A professora Maria Brígida Castanheira (D. Neném), nasceu na cidade de Tabuleiro, em 08.10.1874, filha de Joaquim Furtado de Medeiros e Maria Bárbara da Conceição. O pai de D. Neném nasceu em Portugal no ano de 1823 e faleceu em Leopoldina no dia 20 de janeiro de 1908. Diplomou-se pela escola normal de Ouro Preto. Era, também, professora de piano. Foi nomeada para o cargo de professora, em Leopoldina, em 06.01.1896. Casou-se com Bento Bernardes Castanheira no dia 28 de novembro de 1896 em Leopoldina, MG. Ele nasceu em Bom Sucesso, MG, e faleceu no dia 8 de maio de 1914 em Leopoldina. Era filho de José Bernardes de Souza e Delfina Eusébia Castanheira. Em 1914 D. Neném assumiu o cargo de diretora do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, em substituição ao professor Augusto dos Anjos que, adoentado, veio a falecer naquele mesmo ano. Em 1916 transferiu-se para Cataguases.

D. Neném, que faleceu em 28.11.1946, no Rio de Janeiro e residiu numa chácara que existia onde está o Polivalente, no alto dos Pirineus.

MARIA DA CONCEIÇÃO NETTO BATISTA, rua

(Três Cruzes) – Esta rua recebeu denominação oficial através da lei nº 1584, de 08.11.1982, cujo projeto foi apresentado pelos vereadores Antonio Carlos Ferreira de Almeida e Ely Rodrigues Netto.

Maria da Conceição nasceu em 29.08.1903 e faleceu em 30.09.1979. Era leopoldinense e aqui faleceu. Foi casada com João Batista Ferreira Netto, também nome de rua da cidade, e deixou os filhos Dionéia, que foi professora e Dilton, cirurgião dentista. O casal possuía uma propriedade rural nas proximidades do bairro das Três Cruzes.

Ver João Batista Ferreira Netto.

MARIA DA LUZ SILVA, rua

(Quinta Residência) – O nome desta rua surgiu com a lei nº 2434, de 09.09.92. Ela tem seu início na rua Antônio Fernandes Valentim, passa por uma vila de casas lá existente e finda na rua Nossa Senhora Aparecida.

MARIA DO CARMO APARECIDA SALES, rua

(Centro) – É a que tem início na avenida Acácio Serpa, passa pelo Núcleo Curumim e finda na rua Idalina Gomes Domingues. Recebeu esta denominação com a lei nº 2714, de 12.04.95.

MARIA DO CARMO JUNQUEIRA VALLE, PROFESSORA (MARIDÉIA), rua

(Quinta Residência) – Começa na rua Alan Kardeck e vai até o portão do DER (Departamento Estadual de Estradas de Rodagem). Sua denominação surgiu com a lei nº 1.543, de 12.02.82, de autoria do vereador Wilson José Valentim.

Maria do Carmo Brito Junqueira, nasceu em Cascatinha, Petrópolis (RJ). Era filha de Antonio Reis Junqueira e Maria Amélia Vasconcelos Brito Junqueira. Normalista formada pelo Colégio Imaculada Conceição, lecionou durante quase duas décadas na E. E. Omar Resende Peres. Foi vice diretora daquela escola, professora da E.E. Professor Botelho Reis e do SESI. Em 23.06.79 casou-se com Gladstone Oliveira Vale. Faleceu a 07.11.80.

MARIA EMÍLIA THOMÉ, rua

(Maria Guimarães França) – Pelo texto da lei nº 1144, de 06.08.76, esta rua encontra-se identificada como rua F, no mapa do loteamento, tem seu início na rua Raphael Lennaco e finda na rua Maria Castanheira.

Maria Emília era filha de Newton D'Ávila Thomé, comerciante no ramo de combustíveis e representante do querosene "Jacaré".

MARIA GUIMARÃES FRANÇA, bairro

Este bairro abrange as ruas Maria Castanheira, Raphael Iennaco, Cleber Pereira Sales, Antonio Couto Filho, Arthur Maranhã, Abelardo Nunes de Moraes, Maria Emília Tomé, Antonio Lamoglia, Cândida Maria F. Lamoglia e praça Carlos Luz Meneghite.

MARIA IMACULADA, praça

(Três Cruzes) – Pela lei nº 564, de 02.06.1965, fica denominada D^a Maria Imaculada uma praça a ser construída no bairro Três Cruzes, próximo a uma mina d'água ali existente.

MARIA JOVITA DA SILVA, rua

(Praça da Bandeira) – A lei nº 3.279, de 24.05.2000, dá esta denominação à via que tem início na avenida Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, ao lado do nº 930, prosseguindo até a residência nº 50, de propriedade de Sivanir Batista da Silva e outros.

MARIA OLIVEIRA RAMOS, rua

(Caiçara) – Diz a lei nº 1.210, de 12.09.77, que esta via pública tem início na rua Antônio Fernandes Valentim e constou no mapa da Prefeitura como “Beco nº 01”.

MARIA ROSA CRESPO, rua

(Fábrica) – A denominação atual de rua surgiu com a lei nº 1.770, de 14.11.85, do vereador Nelito Barbosa Rodrigues, que informa ser a via pública que partindo da praça Aristides Badaró, confluência com rua Pompílio Guimarães, vai terminar em terrenos de propriedade do BDMG (ex-Intertex).

Maria Rosa dedicou grande parte de sua vida à Casa de Caridade Leopoldinense.

MARIA ROSA PIRES BASTOS, rua

(Imperador) – Começa na rua Agnello Corrêa do Bem. Seu nome foi oficializado pela lei nº 3.192, de 19.10.1999. No mapa do loteamento encontra-se identificada como rua 13.

Dona Rosa era esposa do farmacêutico Durval Bastos e durante muito tempo esteve à frente do Lactário.

MARIANA, vila

(Cemitério) – Liga a rua Fajardo, nas proximidades do nº 325, à rua Otto Lacerda França, no bairro Jardim Bandeirantes. Sua denominação oficial está na lei nº 2575, de 16.12.93.

MARIANA DE OLIVEIRA COSTA, rua

(Eldorado) – Começa na rua Osmar de Almeida.

MARIANA MARINHO CORTES, beco

(Rosário) – Começa na rua Joaquim Ferreira Brito.

MARIDÉIA, PROFESSORA, rua

(Quinta Residência) – Ver Maria do Carmo Junqueira Valle.

MÁRIO MALACHIAS DE SOUZA, praça

(Pirineus) – Localiza-se na confluência das ruas São Vicente de Paula e Tufic Jorge. Seu nome surgiu com a lei nº 1.224, de 11.11.77, de autoria do vereador Ely Rodrigues Netto.

Mário Malaquias era desenhista e construtor. Foi responsável por um grande número de construções na cidade. É de sua autoria, inclusive, o projeto de construção da Igreja existente no bairro Pirineus. Nasceu em Laranjal, em 14.05.1908, filho de Joaquim Malachias de Souza e Maria Sodré. Era casado com Giselda Dietz de Almeida, nascida em 10.08.1916, filha de Carlos (Carrito) de Almeida e Guilhermina Dietz. Moraram sempre na rua Dom Aristides, ao lado da Mina de Ouro. São filhos do casal: Terezinha Rittz de Souza, casada com Dahir da Silva; Maria Guilhermina de Souza (falecida), casada com José Lisboa Vargas; Marta de Souza viúva de Rosivaldo Noronha Medeiros; Edwiges Maria de Souza casada com Hugo Martins; Rosa Maria Dittz Almeida de Souza casada com Jessy Jaime Zampier Lacerda; Sérgio Rubens

Tadeu de Souza casado com Maria de Lourdes Dias; e, Magda Coeli Dittz casada com Eduardo Célio Panza André. Mário Malachias faleceu em 01.01.74.

MÁRIO PIRES DE CASTRO, rua

(Meia Laranja) – Ver rua Márcio Barbosa de Castro.

MÁRIO RAYOL, rua

(Caiçara) – Começa na rua Antonio Fernandes Valentim. No mapa da prefeitura consta como “Beco nº 4”. Sua nova denominação ocorreu a partir da lei nº 1.209, de 12.09.77.

Mário da Costa Rayol, segundo o projeto de lei que deu nome a esta via pública, nasceu em 18.06.1907 e faleceu em 27.08.72. Era casado com Enedina Lopes Rayol com quem teve seis filhos.

MAURO CARVALHO DO VALE, rua

(Popular) – A lei nº 3.337, de 19.12.2000, diz que no mapa do loteamento do bairro ela encontra-se identificada como rua E.

MAXIMIANO, vila

(Centro) – Fica na rua das Flores. É uma vila de casas construídas nas terras da família Maximiano.

MEIA LARANJA, bairro

Abrange a praça Senador Botelho e as ruas adjacentes. Seu nome, segundo consta, foi tirado do formato do morro onde está o bairro. Antigos moradores da cidade se referem a um laranjal que teria existido no local.

MERCEDES R. CARNEIRO CERQUEIRA, rua

(Fábrica) – A lei nº 1154, de 08.10.76, dá nome a esta rua e diz que tem início no nº 71 da rua Pompílio Guimarães, terminando nos fundos do DNER. Posteriormente, com a lei nº 2214, de 22.06.90, foi alterada a redação do art. 1º da lei nº 1154.

Pelo mapa publicado pela prefeitura em 2000, esta rua começa na avenida Getúlio Vargas e segue paralela à rua Pompílio Guimarães.

Mercedes Cerqueira era filha de Garibaldi Cerqueira, também nome de rua na cidade, e foi professora durante muito tempo.

MIGUEL GESUALDI, rua

(Bela Vista) – Começa na rua Renato Monteiro Junqueira e termina na rua Antônio Carlos de Almeida Ramos. No mapa do loteamento do bairro consta como rua 21. Foi a lei nº 1.308, de 06.10.78, que lhe deu este nome.

Miguel nasceu em Pirapetinga, filho de Teodora Violla e Giuseppe Gesualdi. Casou-se com Laura Pacheco, com quem teve os filhos José, Juracy, Cacilda, Rubens, Antonio, Osmar, Homero, Nanette. Um de seus netos é o terceiro dos homenageados na rua Jovens Guilherme, Luiz Celso e Ângelo. Miguel era comerciante no ramo de camisaria, numa loja que existiu na rua Cotegipe, na esquina da rua Tiradentes.

MIGUEL MONTEIRO DE OLIVEIRA RESENDE, rua

(Vale do Sol) – Foi a lei nº 3163, de 24.06.99, que deu denominação a esta via que tem início na rua L e finda na rua Poeta Augusto dos Anjos.

MILTON RAMOS PINTO, rua

(Pirineus) - A lei nº 937, de 17.10.1973, dá denominação de rua Milton Ramos Pinto à via pública que, no bairro dos Pirineus, está nominada na quadra C., como rua 3.

Oficial do Cartório de Registro Civil. Nasceu no dia 20 de agosto de 1893, filho de Emílio Augusto Pereira Pinto e Hermínia Cândida Ramos. Era irmão de Emílio Ramos Pinto, já citado.

MINA DE OURO, bairro

Este bairro compõe-se das ruas que ficam na encosta do morro do Arranca-toco, à esquerda do Feijão Cru. Abrange, dentre outras, as ruas Joaquim Guedes Machado, José Lintz, Olyntho Gonçalves Netto e São Pedro.

MINAS GERAIS, rua

(Vale do Sol) – Diz a lei nº 3164, de 24.06.99, que deu denominação a esta via pública que ela tem seu início na rua Serginho do Rock e finda próximo a casa Ricardo Pantera. No mapa do loteamento do bairro encontra-se identificada como rua O.

MOACIR CUNHA, rua

(Maria Guimarães França) – A lei nº 1150, de 10.09.76, dá denominação à via pública que no mapa do loteamento encontra-se identificada como rua I. Ela tem seu início na rua Raphael Iennaco e finda na rua Cleber Pereira Sales.

Moacir era irmão da D. Irecê, esposa do Dr. José Bastos, ambos homenageados com nome em via pública da cidade.

MORY BATISTA, rua

(Bela Vista) – Foi a lei nº 1.614, de 09.05.83, de autoria do vereador Vicente Thomas Schettino, que deu denominação à via pública que, partindo da av. dos Expedicionários e seguindo perpendicular à mesma, vai até à rua Oldemar Montenari.

Mory de Paula Batista descendia de família de Piacatuba, onde nasceu no dia 31.07.1905, filho de Amadeu Baptista e Dinorah. Iniciou-se na profissão como aprendiz de seu pai, também farmacêutico. Foi licenciado em 1928 pela escola farmacêutica de Minas Gerais, vindo estabelecer-se em Vista Alegre, em 1933. Neste mesmo ano casou-se com Dagmar Campos Baptista, de cuja união tiveram seis filhos. Em 1950 estabeleceu sua farmácia na rua Riachuelo. Em seguida, transferiu-se para a então praça da Bandeira onde permaneceu à frente de sua farmácia Mineira até 1959, quando decidiu se desfazer do negócio. Em 1960, em sociedade com o seu filho José, abriu nova casa na rua Tiradentes e, em 1973, com o filho Paulo Sérgio, instalou a Drogaminas, em Marataízes (ES). Faleceu a 02.07.74, vítima de acidente automobilístico.

MURILO RODRIGUES PINTO, rua

(Praça da Bandeira) – Começa na praça Zequinha Reis e termina na Emília Levasseur Rocha. É a antiga rua Salgado Filho.

Murilo residia na rua que recebeu o seu nome e trabalhou durante muitos anos como barbeiro em um salão que existiu na praça da Bandeira. Alguns de seus filhos o seguiram na profissão. Sua filha Milce, foi casada com José Eugênio Dutra, homenageado com nome de rua da cidade.

SUMÁRIO